

Vínculo, empatia e mimese: a comunicação do amor em série romântica sul-coreana

Bond, empathy and mimesis: the communication of love in South Korean romantic TV series

RESUMO

Séries românticas sul-coreanas valorizam a comunicação presencial, o corpo e suas linguagens, a porosidade sensorial, o vínculo afetivo, o processo de empatia, a mimese nas relações pessoais, simbólicas e socioculturais, além do romance amoroso. No Brasil, séries deste tipo fazem sucesso em plataformas de streaming, revelando um desejo latente por amor, sensorialidade, delicadeza e pessoalidade. Neste artigo, pretendemos verificar como estas qualidades, valorizações e hábitos se dão em *Pousando no amor* a partir de uma análise fílmica interpretativa da série com foco na construção e na relação entre personagens.

Palavras-chave: Amor; Vínculo; Empatia.

ABSTRACT

*South Korean romantic TV series value face to face communication, the body and its languages, the sensorial porosity, the affective bond, the empathy process, the mimesis in personal and cultural relationships, beyond the love affair. In Brazil, the so called k-dramas are a huge success in streaming platforms, revealing a latent desire for love, sensoriality, delicacy and personhood. This paper aims to verify how these qualities, valuations and habits take place in *Crash Landing on You* by applying the filmic analysis method focusing on characters development and their relations.*

Keywords: *Love; Bond; Empathy.*

DANILO FANTINEL

Doutor em Comunicação pelo PPGCOM-UFRGS, faz pós-doutorado no PPGCOM-UNIP (danilo.fantinel@gmail.com).

INTRODUÇÃO

Comunicar é um ato interpessoal que se dá mediante condições humanas tanto fisiológicas e psíquicas quanto linguageiras, garantidoras da troca de informações e de nossa capacidade de compreensão. Séries audiovisuais sul-coreanas valorizam tramas cuja comunicação interpessoal entre casais românticos protagonistas destaca um delicado e respeitoso contato direto entre personagens. Essa aproximação comunicativa se dá por meio do compartilhamento do tempo e do espaço, pela postura e gestual empáticos, através do olhar, do toque delicado, da comunhão alimentar, da fala estimulada pela presença do outro, das vinculações afetivas e das mimeses simbólicas e socioculturais. De forma geral, há certa comunicação do amor em K-dramas populares no Brasil, como *Pousando no amor* (2019-2020), apontando para alguma predileção do público por histórias com proximidade comunicativa e contato afetuoso entre personagens.

Comunicação pessoal, sobretudo presencial, desvinculada de mídias eletrônicas ou digitais, envolve com mais intensidade o corpo e suas linguagens, a porosidade sensorial (CYRULNIK, 1999), o vínculo (BAITELLO Jr, 1997; MARCONDES FILHO, 2009; CYRULNIK, 1999), a empatia (DE WAAL, 2010) e a mimese (GEBAUER; WULF, 2004) na relação de um com o outro. Em séries românticas sul-coreanas, estas qualidades se destacam entre personagens que primam por contemplação e respeito ao outro, companheirismo, sensibilidade e delicadeza gestual, bem como pela valorização do amor romântico, não tão ligado ao erotismo, mas sim a Eros. Características como estas parecem chamar a atenção de parte do público em uma das principais plataformas de streaming dedicada ao formato K-drama no Brasil:

No cenário brasileiro, o catálogo nacional da plataforma de streaming (...) Netflix se apresenta como um termômetro interessante. O catálogo da Netflix Brasil possui atualmente mais de uma centena de produtos audiovisuais da Coreia do Sul disponíveis, entre eles estão K-dramas, filmes, reality shows (...). Desde 2016, quando a Netflix chegou à Coreia do Sul, que a programação sul-coreana cresce no catálogo global da plataforma, assim como o interesse dos consumidores internacionais (MAZUR, 2021, p. 184).

No primeiro semestre de 2023^[1] a Netflix anunciou o lançamento de 34 novos programas sul-coreanos, bem como investimentos bilionários na produção audiovisual do país nos quatro anos seguintes. Parte dos dramas de TV sul-coreanos é do gênero romance, que conquista segmentos do público brasileiro desde a década de 2010. Na cultura participativa dos fãs (JENKINS, 2009), sites especializados noticiam tudo sobre séries, promovem fóruns de debate e legendagem. Há uma ação constante do fã sobre seu objeto de culto na mediosfera (CONTRERA, 2017), esta dimensão do imaginário mediático dotada de imagens, textos e significações mercantilizáveis, consumíveis, sem valor sagrado, mas com valor de compra.

Conforme Baitello Júnior (2014), consumimos narrativas e imagens midiáticas, mas elas também nos consomem. Sedados por imagens, espectadores devoram dramas de TV enquanto são por eles devorados. Consumimos simulações sem participação ativa, mas com participação afetiva em processos de projeção-identificação (MORIN, 2014) com histórias audiovisuais. Assim, o espectador valoriza aquelas qualidades evidenciadas em K-dramas românticos, como contemplação da presença do outro, o contato sensível e respeitoso, o gesto empático, a afetuosidade mimética e mútua, bem como a vinculação amorosa – talvez apontando para um desejo latente por amor, sensorialidade, delicadeza, pessoalidade, sendo todos eles qualificadores de uma comunicação interpessoal efetiva.

Conhecidos como doramas, dramas de TV sul-coreanos são definidos como “K-dramas”, enquanto as séries japonesas surgidas na década de 1950 seriam os “doramas” originais (GARCIA; HSU; ALBUQUERQUE, 2021). Em K-dramas, são populares as histórias românticas^[2] entre jovens personagens no contexto urbano globalizado de grandes cidades sul-coreanas. Diferentemente do romance audiovisual ocidental, mais voltado aos aspectos sensuais, sexuais, à objetificação da mulher e à virilidade tóxica do homem, o romance sul-coreano tende a ser mais romântico, idealizado, ingênuo e melodramático.

O melodrama é um aspecto estético-narrativo importante em séries coreanas sul-coreanas. Ele surge em fins do século XVIII, após da Revolução Francesa, como uma forma estético-narrativa vinculada à literatura e ao teatro cujo público reunia integrantes das classes populares e da burguesia. Temáticas e personagens giram em torno da pessoa comum, da família, do drama cotidiano, das hierarquias institucionais e de conceitos morais, observando valores tradicionais, sendo uma “[...] clara reação ao anticlericalismo reinante” (BRAGA, 2005, p. 02). O melodrama foi visto como gênero bastardo, degradação da tragédia e do drama burguês. Em telenovelas brasileiras ou em séries sul-coreanas, recursos melodramáticos ajudam a compor tramas envolvendo desafios da vida em família e no trabalho, em namoros ou casamentos, bem como disputas com rivais e vilões. Assim, obtém-se grande identificação com o público, “[...] penetrando sua plateia por todos os poros”, causando uma “aristotélica catarse” (BRAGA, 2005, p. 06 e 07). Para atingir este nível, há recursos como a distribuição maniqueísta de personagens, que nas histórias acabam sempre agindo segundo os códigos melodramáticos da narrativa. No caso de K-dramas românticos, temos o relacionamento heteronormativo, o jovem casal em processo de autodescoberta, o rapaz mais fechado e distante, a garota mais amável e apaixonada, a descoberta do amor, a crise separadora, o reconhecimento amoroso, a harmonia final para o apaziguamento do casal.

O combo melodramático não apenas desperta e reafirma os processos de projeção-identificação (MORIN, 2014) do público com K-dramas românticos como também reforça a própria

“Onda Coreana” de cultura pop industrial, conhecida como “Hallyu”, composta pela cena musical do K-pop, pela respeitada produção cinematográfica sul-coreana e pelas séries de TV, que “[...] tem um peso ainda maior nessa equação: foram os precursores da Hallyu como um fenômeno transnacional de exportação”, conforme Daniela Mazur (2021, p. 175). A pesquisadora diz haver um crescente interesse por produtos da indústria televisiva sul-coreana, que se apresenta como alternativa em meio ao fluxo globalizante existente, centralizado entre os Estados Unidos e a Europa. Para Jin, Dal Yong e Yoon Tae-Jin (2017), Hallyu opera como um instrumento econômico e de identidade nacional sul-coreana. De modo geral, o país conferiu ao formato de séries dramáticas inventado pelos japoneses os traços culturais de seu povo, além de “[...] temáticas como relacionamentos românticos e familiares, contextos históricos nacionais, o dia-a-dia no emprego ou no âmbito escolar – que são condicionados às influências de gêneros, formatos e linguagens locais e transnacionais” (MADUREIRA, MONTEIRO e URBANO, 2014). Conforme as autoras, o K-drama coreano se apropria do formato dos doramas japoneses, estes essencialmente focados na cultura nipônica, porém se diferencia deles ao refletir as tradições sul-coreanas em diálogo com culturas vizinhas e com o Ocidente. O K-drama mistura contemporaneidade e ancestralidade em tramas melodramáticas, valorizando questões morais em respeito aos mais velhos, à hierarquia e à importância da família. Conforme Urbano (2020), este movimento de contrafluxo midiático realizado por países do Leste Asiático no mercado audiovisual global é entendido como uma resposta do Oriente à hegemonia anglófona no setor.

Em seu estudo sobre a influência do melodrama sobre séries sul-coreanas e telenovelas brasileiras, Maria Cristina Palma Munglioli, Ligia Prezia Lemos e Tomaz Affonso Penner (2023, p. 69) apontam que características melodramáticas “[...] estão presentes na maior parte dos K-dramas da atualidade” e que o sucesso de “[...] K-dramas no Brasil pode estar relacionada à literacia da audiência brasileira em relação à telenovela e ao melodrama, pois o gênero é o cerne desse formato tão caro aos brasileiros”. Conforme os autores, no início de 2010 já se falava das “novelinhas coreanas”, nome dado ao formato K-drama pelos primeiros fãs brasileiros, indicando que o público já compreendia o formato e sua estrutura melodramática – podendo ser este um fator para a popularidade de séries sul-coreanas românticas no Brasil.

A partir de uma leitura interpretativa da série *Pousando no Amor*, aqui centralizada em cenas e sequências específicas, veremos como vínculo, empatia e mimese propõem uma comunicação do amor.

VÍNCULO, EMPATIA E MIMESE

Muitos dramas de TV sul-coreanos destacam histórias com personagens destinados ao amor ou que devem lutar por ele. Com sensibilidade notável, traduzida em elementos da linguagem audiovisual que transparecem o desejo do afeto e o sonho do amor ideal, K-dramas oferecem romantismo a um público interessado em tramas romanescas contemporâneas. Nas histórias de figuras ficcionais em busca de seu par perfeito, multiplicam-se os contatos sensoriais, as demonstrações de vínculo, os sentimentos de empatia e os processos miméticos.

Boris Cyrulnik nos lembra que, vivos no mundo, nossos corpos sensíveis, dotados da capacidade de perceber a sensorialidade do outro, estabelecem comunicação mediante linguagens. Indivíduos porosos, fazemos trocas com os outros e com o ambiente (biológico, social, cultural) enquanto somos tocados por eles. Estando com os outros no mundo, nos dedicamos desde muito cedo a utilizar gestos, mímicas e palavras em uma “[...] comunicação porosa (física, sensorial e verbal) que estrutura o vazio entre dois parceiros e constitui a biologia do ligante” (CYRULNIK, 1999, p. 92). Para o autor, ao preencher o mundo (por meio de trocas com o ambiente e com os seres), a sensação de ser possuído engendra no indivíduo um sentimento de existência.

Na vivência do sujeito, estabelecem-se vínculos do eu com o outro. Ciro Marcondes Filho (2009) compreende vínculo como ligação, elo ou relação, como uma força de atração que aproxima as pessoas constituindo campos de afinidades. Para a etologia, trata-se do resultado de ações (inatas ou aprendidas) do ser vivo que o aproximam do outro ou reforçam e alimentam uma proximidade já existente. Nossa natureza gregária leva à constituição de laços e vínculos sociais, de modo que somos seres vinculantes cujo primeiro vínculo é o de parentesco. Estar vinculado, portanto, é uma condição humana. Em seu estudo sobre empatia, o etólogo Frans de Waal comenta a questão:

O vínculo é um elemento essencial para a nossa espécie. Não há nada que nos faça mais felizes. (...) A busca da felicidade (...) é antes de tudo um estado de satisfação das pessoas com a própria vida. (...) Não é o dinheiro, o sucesso ou a fama o que mais faz bem às pessoas, mas o tempo que elas passam com os amigos e a família (DE WAAL, 2010, p. 29).

Norval Baitello Jr. (1997, p. 87) destaca a importância dos vínculos para os estudos em Comunicação afirmando que “[...] ‘vincular’ significa ‘ter ou criar um elo simbólico ou material’, constituir um espaço (ou um território) comum, a base primeira para a comunicação”. Rituais de vínculo aplacam a incerteza, a instabilidade e a insegurança, de modo que o vínculo permite sentidos de confiança, cuidado, permanência, constância, resguardo e fidelidade, afinal “[...] os vínculos somente são mantidos quando regularmente alimentados, seja pela repetição, seja pela inovação informacional”.

O sujeito, em sua autoconstrução, também estabelece relações miméticas com o mundo e com os outros se entendermos mimese como um agir de acordo com o outro ou com o mundo. Em uma miríade de relações possíveis, o indivíduo não sofre os efeitos do ambiente e dos outros de forma passiva, pois vive reagindo a eles, acolhendo-os e sendo abarcado por eles em suas ações, sendo também moldado nesta relação. Pessoas mimetizam falas, condutas, gestos, hábitos, práticas, exemplos, modos ou modelos oferecidos pelos outros e estabelecidos no mundo desde muito cedo. Certo agir do sujeito no mundo é também resultado destas relações miméticas estabelecidas em nossas vidas desde os primeiros anos.

Gunther Gebauer e Christoph Wulf destacam que tanto o eu como o outro são categorias abertas, se constituindo na relação entre si, sendo suscetíveis à porosidade citada por Cyrulnik (1999). É na ação coletiva dos atos sociais, dos rituais habituais, dos acontecimentos culturais e das práticas cotidianas que se dão as atividades de grande ação mimética. A mimese social, portanto, é constituída de imitações, inspirações, repetições e referências advindas das pessoas que habitam o mundo e que constantemente recriam práticas, condutas e representações. Para Gebauer e Wulf (2004, p. 126), “[...] a referência mimética dá acesso aos outros”, de modo que “[...] a mimese social é o princípio que faz uma ponte entre o agente e as ações dos outros”. Esta ponte contribui para a nossa adaptação ao mundo e à alteridade. Os autores sublinham que o mundo das ideias e das criações também é passível de mimese, afinal “[...] devemos falar de mimese social quando o comportamento mimético faz referência a situações, ações ou modos de comportamento construídos de forma real ou imaginária, literária ou artística” (GEBAUER; WULF, 2004, p. 131).

Ao abordar a mimese na estética, os autores retomam Paul Ricouer para diferenciar três formas de mimese relacionadas à arte e à poética. O primeiro tipo de mimese designa a relação da obra de arte com a realidade inscrita fora dela. O segundo caracteriza a composição da obra de arte em si, do ato à linguagem e à materialidade da obra. O terceiro tipo de mimese designa o processo de apreciação (“recepção”, dizem os autores) da obra de arte pelo sujeito que a observa. “Na sua contemplação, ele põe-se na figuralidade da imagem, deixa-se tocar e fascinar por ela” (GEBAUER; WULF, 2004, p. 81). Ainda que esteja no mundo, o observador contempla algo descolado dele, uma ficção visual, textual ou sonora, um segundo mundo que, para Gebauer e Wulf, chama a atenção do observador não somente pela similaridade que tem com o mundo original, mas pelo que há de desconhecido e estranho na obra. O jogo mimético de similaridades e diferenças culturais nos dramas de TV sul-coreanos chama a atenção de parte da audiência brasileira, que se identifica com melodramas românticos e projeta neles seus desejos, percebendo nas séries uma especificidade estético-narrativa – um universo diegético exótico, descolado das realidades em que o espectador ocidental se encontra.

No romance romântico dos K-dramas contemporâneos, além dos contatos sensoriais, dos sentimentos vinculares e do referencial mimético, a capacidade de empatia também se sobressai. A sensibilidade de se assumir a perspectiva do outro, colocar-se em seu lugar, compadecer-se da condição do outro, marca dramas de TV como *Pousando no amor*. Para Frans de Waal, a empatia dialoga com a solidariedade, com o vínculo humano e social. Ela teria começado “[...] com a sincronização dos corpos – correndo quando os outros correm, chorando quando os outros choram, bocejando quando os outros bocejam” (DE WAAL, 2010, p. 75). A sincronia permite o mapeamento do próprio corpo no corpo do outro para incorporação de movimentos. Mas é a porosidade sensorial, o vínculo e a identificação mimética com os outros aquilo que nos leva a, empaticamente, como sublinha Edith Stein (2004), perceber o sentido da vivência do sujeito que está diante de mim – ou de viver a vivência dele como se minha fosse. Sobre os outros, De Waal (2010, p. 83) comenta que “[...] eles se tornam modelos para nós: empatizamos com eles e seguimos seus exemplos”.

EROS, VÍNCULO E DRAMAS DE TV

A comunicação do amor em séries sul-coreanas pressupõe uma comunicação afetuosa com o outro, uma comunhão, um reconhecimento mútuo e coeso que extrapola o erotismo e se direciona ao desejo de amor romântico. Junito de Souza Brandão (1986, p. 186) explica que, sendo resultado de uma criação cósmica mítica, Eros é força primordial do mundo, o “[...] desejo incoercível dos sentidos” que “[...] transtorna o juízo dos deuses e dos homens”. Seu poder cósmico é prolífico, pois “[...] garante não apenas a continuidade das espécies, mas a coesão interna do cosmo” (BRANDÃO, 1986, p. 187).

Por isso Eros é vínculo, é ligação. Conforme Brandão (1986, p. 187), estando “[...] a meia distância entre uns e outros, ele preenche o vazio, tornando-se, assim, o elo que une o Todo a si mesmo”. Mas há neste amor desejante uma inquietação reveladora. “Eros é uma força, (...) uma ‘energia’, perpetuamente insatisfeito e inquieto: uma carência sempre em busca de uma plenitude. Um sujeito em busca do objeto” (BRANDÃO, 1986, p. 187, aspas do autor). Esse objeto do desejo ronda a própria elevação da existência na vivência vinculante, empática e mimética com o outro.

Eros e Psiquê saciam os desejos contemporâneos das audiências quando se encontram no beijo na boca cinematográfico, que promove união e que se coloca como “[...] comunhão

e comunicação da psique no eros” (MORIN, 2002, p. 134). Integrados em vínculo amoroso no final feliz audiovisual, Eros e Psiquê também simbolizam comunicação com o outro, comunhão e reconhecimento. No Brasil, o impacto das séries românticas sul-coreanas² demonstra o interesse por um amor ligante de cumplicidade afetuosa, sensorial, vincular, mimético e empático.

COMUNICAÇÃO DO AMOR

Um dos principais dramas de TV sul-coreanos de sucesso no Brasil, *Pousando no amor* (2019-2020) aborda a história romântica entre a jovem empresária sul-coreana Yoon Se-ri (Son Ye-jin) e o austero militar norte-coreano Ri Jeong-hyeok (Hyun Bin). Líder asiática no ramo da moda, Se-ri decide testar a qualidade de um traje esportivo em um voo de parapente. Alertada sobre o perigo dos ventos, Se-ri mantém os planos. Alçada às alturas por um tornado, ela chega até a Coreia do Norte. Presa em uma árvore no pouso, Se-ri é encontrada por Jeong-hyeok.

Em dúvida se a garota é uma espiã do Sul, Jeong-hyeok a mantém em sua casa, longe das autoridades. Apaixonados, escondem o sentimento mútuo. Ela, extrovertida. Ele, quase ríspido. Ambos sarcásticos o suficiente para brincar com as emoções. Recalam a paixão pelos primeiros cinco dos 16 episódios da série. A negação da atração ajuda a reforçar entre o público o desejo de amor. Um vínculo inicial se estabelece entre os protagonistas já no primeiro episódio, bem como entre o casal e o público, que deseja a realização do amor. A ligação entre os protagonistas, porém, sofrerá inúmeras tensões no decorrer da história, reforçando o vínculo entre ambos.

Fiel ao seu país, objetivo e compenetrado, Jeong-hyeok raramente demonstra emoções, sendo diferente da sincera Se-ri, uma articulada e espontânea mulher de negócios. No entanto, nutre por ela curiosidade e empatia. Herói simpático (MORIN, 2002) que se revela aos poucos, o militar decide apoiar o retorno dela para casa fora dos canais oficiais.



FIGURA 1: Jeong-hyeok prepara o café da manhã

Fonte: Reprodução *Pousando no Amor*, 2023

Na manhã seguinte, Jeong-hyeok prepara um café da manhã reforçado. Na refeição caseira, tudo é preparado por ele, com produtos da região, com os utensílios, costumes, saberes e sabores locais. Se-ri evita comer. Ele entende que ela teme ser envenenada. Contrariado, ele a provoca retirando o café da manhã intocado e dizendo que não oferecerá novas bondades. Nesta antipatia mimética mútua, enquanto uma esnoba, o outro desdenha. O clima áspero e cômico entre ambos arrefece com a chegada de militares subordinados a Jeong-hyeok, incluindo Pyo Chi-soo (Yang Kyung-won), o antagonista cômico de Se-ri, com o qual ela travará disputas envolvendo questões como a grandeza dos dois países, as diferenças entre comunismo e capitalismo, além da atenção de Jeong-hyeok.

Se-ri e Jeong-hyeok estabeleceram vínculos desde que ele a encontrou na mata. Sendo ela clandestina e ele, cúmplice, um depende do outro para que Se-ri volte em sigilo para casa. Sua presença no Norte não pode se tornar pública, mas ela rapidamente fica conhecida no vilarejo. Quando militares fazem uma vistoria na casa de Jeong-hyeok, ele a livra de uma execução pública a anunciando como sua noiva.

Ao tentar deixar a Coreia do Norte em uma embarcação, no terceiro episódio, Yoon Se-ri revela seu nome completo a Ri Jeong-hyeok. Ela diz ser do clã Haeju Yoon, originário da Coreia do Norte. Ele responde ser do clã Jeonju Ri, do sul. “Que ironia”, ela responde. No clima de despedida, a fuga é frustrada por militares. Para evitar a captura de Se-ri, Jeong-hyeok a beija pela primeira vez, apresentando-a como sua namorada às autoridades. Sobre a origem dos personagens, o antigo clã Haeju Yoon surgiu na região de Haeju, na atual Coreia do Norte, em período próximo à Dinastia Ming (1368-1644), enquanto o clã Jeonju Ri tem origem na região de Jeonju, na atual Coreia do Sul. Portanto, a origem dela, sul-coreana, remete ao Norte, enquanto a dele, norte-coreano, ao Sul. Essa *coincidentia oppositorum*^[3] estaca uma cisão, pois Se-ri e Jeong-hyeok não são do mesmo clã, região ou país. Suas origens apontam mesmo para uma rivalidade e um antagonismo que colocam os opostos em relação. A vinculação, aqui, se dá por oposição e por complementaridade, dualismo e magnetismo. Entre os dois há interesse romântico, mas também certo impedimento amoroso. Ao redor do casal giram sentidos de proibição, incompatibilidade, distanciamento, contra os quais os dois lutarão ao longo da série para demonstrar que o amor supera dificuldades.

Em *Pousando no amor*, muitas cenas envolvem a comunhão alimentar, o preparo e a degustação de alimentos tradicionais pelo casal ou em grupo. No quarto episódio, em um jantar, há um representativo momento de comunicação interpessoal coletiva. À noite, Ri Jeong-hyeok leva Se-ri para casa, onde quatro amigos militares do protagonista preparam amêijoas (molusco comestível) flambadas no chão batido do quintal. Cozida pelo calor da brasa, a carne é consumida direto da concha, que depois serve de taça para o doce soju, um destilado de arroz, trigo ou cevada muito apreciado nas Coreias. Se-ri desconfia, pois só conhece receitas de grandes restaurantes, sempre acompanhadas de raros vinhos brancos. Porém, a protagonista se rende às explicações do simpático Kim Joo-meok (Yoo Su-bin). A empatia entre estes dois novos amigos é nítida. Ambos interagem sob os olhares de um satisfeito Jeong-hyeok, interessado em que a garota do Sul perdida no Norte se sinta bem.



FIGURA 2: Amigos apreciam amêijoas flambadas e bebem soju

Fonte: Reprodução *Pousando no Amor*, 2023

Joo-meok facilita a integração de Se-ri com o grupo. Observando os outros se deliciarem com frutos do mar e bebida, o ato mimético de Se-ri surge incontrollável. O prazer dos outros e a fome que cresce a levam a alimentar-se. Ao participar do jantar, Se-ri atualiza a ancestral experiência gastronômica em grupo. Gilbert Durand (2012) já demonstrou o quanto a dominante reflexa digestiva, marcada pelo ato da ingestão, pelo engolimento, vem a estimular uma ampla dimensão mística (ou antifrásica) do imaginário antropológico. Nela, constelam imagens simbólicas apaziguantes da noite agradável, da intimidade do lar, morada ou local em que se vive, junto aos seus, perto do feminino acolhedor, em comunhão alimentar e na intimidade do grupo. Nesta estrutura de imagens, o simbolismo de inversão (DURAND, 2012, p. 199) destaca os mistérios da noite e da mulher, o repouso terrestre e a descida digestiva. Este simbolismo também remete ao que é úmido, viscoso, morno, calmo, quente e escuro, levando às entranhas e às vísceras onde ocorrem as misturas digestivas. Na mesma estrutura, o simbolismo da intimidade (DURAND, 2012, p. 236) é regido pelos arquétipos de refúgio e de interioridade, fazendo circular imagens de morada, casa, cabana e gruta, chegando aos símbolos continentais de cálice, taça, receptáculo, bem como a imagem da concha mítica e fecunda – todos mais ou menos associados ao feminino. De forma geral, o simbolismo da intimidade movimentada sentidos de cumplicidade, mistério, repouso e quietude. Na cena do jantar entre amigos na morada de Jeong-hyeok, os vínculos entre o grupo se solidificam, pois o compartilhamento dos alimentos é uma comunhão íntima e festiva, um ato simbólico e antropológico ligado à empatia, vinculação, convívio e compartilhamento. A noite escura não remete simbolicamente às trevas do medo e da insegurança para uma sul-

coreana perdida no Norte, mas ao acolhimento entre os pares em um anoitecer iluminado pela luz do fogo e aquecido pelo calor do espírito.

Ao longo da trama, e apesar do nítido interesse amoroso entre os dois, ambos camuflam o sentimento (proibido) com ironias envolvendo a afeição mútua. Para enciumar Jeong-hyeok, Se-ri encontra, no sexto episódio, o golpista sul-coreano Seung-jun (Kim Jung-hyun), um foragido da justiça que se esconde em Pyongyang. Jeong-hyeok consente, mas depois de horas interrompe o encontro. Satisfeita com a reação de Jeong-hyeok, ela o convida para ir a um bar. Se-ri percebe estar nevando. Sarcástica, diz ser um mau sinal, pois, conforme uma antiga lenda, o amor se realizará entre duas pessoas que virem o primeiro nevar juntos, pois “assistir à primeira neve faz o amor acontecer”. Ela lamenta que com eles isso não deverá funcionar, pois “seria uma loucura”. “Uma loucura completa”, concorda Jeong-hyeok. A vinculação sedutora e amorosa entre os protagonistas se reforça apesar de impedimentos e incompatibilidades – que despertam mais interesse e sentimento entre ambos. O anseio pelo que não se pode ter revigora e sobrevaloriza o objeto de desejo.

No sétimo episódio, Jeong-hyeok tenta um novo retorno para Se-ri, desta vez por avião. Em direção ao aeroporto, a dupla é barrada por militares. Em um tiroteio, ele é alvejado para salvar Se-ri e acaba internado. Com Jeong-hyeok inconsciente, Se-ri admite ser egocêntrica e narcisista, mas diz que ele vem alterando o jeito dela de ser. Quando desperta, Jeong-hyeok a critica por não ter embarcado, pois são muitos os perigos para a fazer voltar para casa. Ela diz que ficou para salvá-lo. Irascível, ele reclama que ela só atrapalha sua vida. Abalada, ela deixa o quarto. Mais tarde, médicos dizem que ele somente sobreviveu por ter recebido sangue dela. A vinculação, agora sanguínea, faz Jeong-hyeok perceber o quanto foi insensível. Ele vai atrás dela e, no auge do melodrama, Se-ri diz que não conseguiu partir porque precisa proteger ele. Jeong-hyeok a beija novamente, agora com sentimento, diferentemente do beijo encenado (e roubado) no navio em alto mar. Na noite fria e chuvosa, em frente ao hospital, o casal tem ao fundo uma árvore iluminada por pequenas lâmpadas. Se as gotas da chuva simbolizam o choro dela, a luz decorativa remete à revelação do amor a partir do beijo.

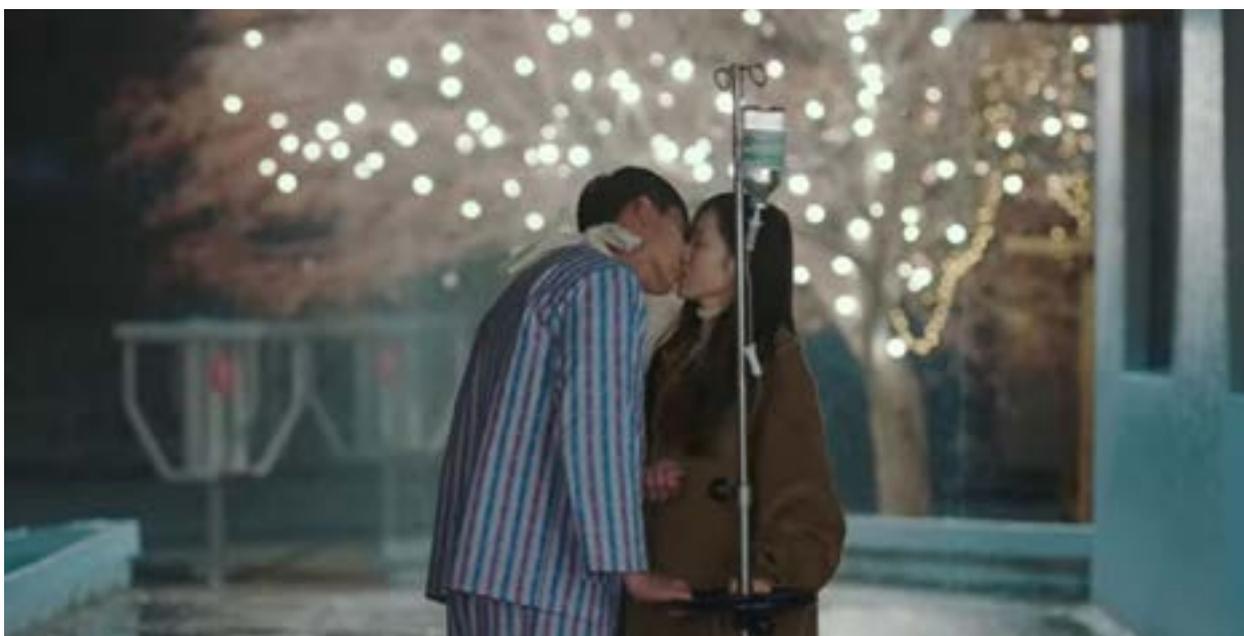


FIGURA 3: Jeong-hyeok beija Se-ri em frente a um hospital

Fonte: Reprodução *Pousando no Amor*, 2023

No episódio seguinte, depois que Jeong-hyeok salva Se-ri de um sequestro, eles se refugiam em uma casa abandonada. Conversam sobre suas vidas à noite, durante uma nevasca, com um fogão à lenha oferecendo luz, calor e a possibilidade do entendimento. A mimese se dá na postura, nos olhares, no mútuo direcionamento dos rostos, no tom de voz, na sinceridade. Os embates irônicos ficam de lado. Um passa a conhecer um pouco mais sobre o outro de forma autêntica.

Ao décimo episódio, Jeong-hyeok consegue fazer com que Se-ri retorne à Coreia do Sul, mas não sem antes se despedir com um beijo na fronteira entre os países, à noite, sob a neve. A empatia por Se-ri e a preocupação com sua segurança superam o desejo dele de ficar com ela, mas não sua vontade de beijá-la. Dias depois, ao saber que o militar rival Cho Cheol-gang (Oh Man-seok) está em Seul para capturar Se-ri e reenviá-la a Ppyongyang, Jeong-hyeok parte em direção ao Sul para salvá-la. Já em Seul, encontra Se-ri em uma rua, à noite, sob a neve e as luzes da metrópole. Ele diz que a procurou por todo o bairro, até encontrá-la. Ela pensa ser um sonho. Eles se abraçam, sem beijar-se. A mimese do reencontro é puro espelhamento entre o casal. O vínculo reforçado pelo reencontro desperta empatia, afeto, tranquilidade, acolhimento, descanso, segurança. A neve cristaliza simbolicamente, de forma mais ou menos nítida, pela primeira vez, o amor contido, respeitoso e sincero que une o casal. Na sequência, ele conta o motivo de sua viagem: a perseguição vingativa do vilão Cho Cheol-gang.



FIGURA 4: Jeong-hyeok reencontra Se-ri em Seul

Fonte: Reprodução *Pousando no Amor*, 2023

Ao longo da série, Jeong-hyeok e Se-ri desenvolvem uma relação cada vez mais amistosa e amorosa. Porém, sabendo da dificuldade de ficarem juntos em função da fronteira que os separa, ambos seguem sabotando a aproximação definitiva, ressaltando a impossibilidade do amor. Ao mesmo tempo em que se declaram e reforçam o vínculo, postergam o encontro amoroso efetivo por medo do impedimento futuro. No 12º episódio, alcoolizados, ele diz a ela que quer ficar em Seul, com ela, para ter filhos gêmeos e para vê-la envelhecer. Ela responde que vai envelhecer muito devagar, e que se ele quiser ver isso terá que viver com ela por muito tempo. Eles brindam e bebem, mas parecem tristes, introspectivos. Sem se tocar, sem se beijar, estão apáticos pela incerteza de um amor impedido pelo contexto histórico.

Em Seul, no alto de uma ponte sobre um imenso desfiladeiro, a céu aberto, no 13º episódio, os protagonistas relembram o passado, quando se viram em uma ponte muito alta, na Suíça. Na época, os dois ainda não se conheciam. Jeong-hyeok estava com a namorada, Dan. Deprimida pelo abandono materno e pelo afastamento familiar, Se-ri pensava em tirar a própria vida justo quando ele apareceu pedindo a ela que fizesse uma foto do casal. Impressionada com a beleza dele, Se-ri sentiu inveja de Dan. Agora, em Seul, Se-ri e Jeong-hyeok estão juntos, mas terão que se separar a qualquer momento. Ele precisa voltar à Coreia do Norte. Seja no passado ou no presente, uma tragédia abismal romântica ameaça os personagens. Na Suíça, a queda trágica no vazio profundo do despenhadeiro marcaria o fim solitário de Se-ri em um profundo vazio tão real quanto simbólico. Já na Coreia do Sul, a queda livre de ambos no amor real se liga à queda do casal na própria separação, no abismo do amor impossível.

No 15º episódio, Se-ri é internada em estado crítico após ser baleada ao tentar salvar Jeong-hyeok de um tiro – em um comportamento mimético movido por empatia que repete de forma invertida a situação ocorrida no sétimo episódio^[4]. O vínculo entre o casal atinge novo patamar. Preso pela polícia sul-coreana, Jeong-hyeok teme que ela morra. Ao final do capítulo, um flashback mostra os dois namorando, caminhando juntos enquanto dividem um guarda-chuva sob forte temporal. A atmosfera é triste. Com Se-ri convalescente e Jeong-hyeok detido, a chuva do passado chora um sentimento amargo, de uma densidade amorosa líquida, fluida, lacrimal. A lágrima é a primeira a recorrer à melancolia poética das águas (BACHELARD, 2013) para explicar a si mesma, de modo que esta cena cheia de gotas de chuva que choram lágrimas inunda o espectador em uma introspecção amorosa, pois sofrida pelo temor da perda. A chuva chora e teme pelo casal.

No episódio final, na tarde dourada na ampla zona de fronteira entre as duas nações, após uma troca de prisioneiros entre os países que envolveu a repatriação de Jeong-hyeok, ele afirma que Se-ri foi um presente que caiu do céu, e que é grato por isso. Em outro episódio o personagem já tinha dito o quanto teve sorte de tê-la conhecido. Já separados, ele envia mensagens de celular (clandestino) a ela orientando-a sobre como se portar consigo mesma e com os outros. Assim, ela poderá “ter uma vida mais leve e feliz”. Distante, Jeong-hyeok segue empático, colocando-se no lugar dela e prevendo um possível retrocesso de consciência de Se-ri no ambiente familiar nocivo. O agir do herói simpático (MORIN, 2002) busca o bem-estar da amada. O vínculo amoroso entre os dois se mantém a distância. Por mimese, Se-ri procura seguir os exemplos de Jeong-hyeok para ela exercer empatia, distanciando-se de seu individualismo habitual. Ao fim da série, os protagonistas retornam à Suíça para viver o amor sem proibições.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo, tentamos demonstrar como a série de TV sul-coreana *Pousando no amor* aposta na comédia romântica com traços melodramáticos para valorizar a presença e a comunicação física entre personagens, destacando qualidades como empatia, o toque delicado e respeitoso, a congregação alimentar, a porosidade sensorial nas relações, as vinculações afetivas, a capacidade mimética que permite espelhamentos e mutualismo, o romance romântico e o ideal do amor. O K-drama asiático parece captar entre parte do público brasileiro certo interesse pelas histórias sentimentais, pelas relações amorosas cordiais, pelo modo romanesco e, por vezes, ingênuo dos personagens, pelo desejo latente do amor romântico.

Como destacamos, há em *Pousando no Amor*, assim como em outras séries românticas sul-coreanas, traços melodramáticos como o drama cotidiano da pessoa comum, o maniqueísmo de personagens, seus desafios morais, familiares e amorosos, os relacionamentos heteronormativos, as crises cortantes e os finais felizes, todos capazes de gerar importantes processos de projeção-identificação por parte das audiências. Estas codificações melodramáticas giram em torno da idealização do amor romântico heterossexual capaz de suprir simbolicamente uma vontade de romance, de contato pessoal, de equalização sensorial. Uma atualização de Eros que supere a erotização dos corpos e celebre o amor ligante, a cumplicidade afetuosa.

Entendemos que em *Pousando no Amor*, vínculo, empatia e mimese são qualidades e habilidades que ajudam a estruturar uma trama romântica cômica com algum contexto histórico e muitos recursos do melodrama capaz de estabelecer a comunicação do amor para com o público. Compreender como este simbolismo do amor romântico dinamiza séries sul-coreanas a ponto de estruturar personagens e tramas que seduzem parte das audiências no Brasil demanda uma pesquisa mais ampla e acurada sobre o tema – a qual segue em andamento em âmbito de pós-doutorado e cujo primeiro artigo aqui se apresenta.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, Saori. **Onda Coreana? Entenda o que é Hallyu e o seu impacto no entretenimento.** 2023. Disponível em: <https://jovemnerd.com.br/nerdbunker/onda-coreana-halluy-o-que-e/> . Acesso em: 20 jun. 2023.
- BACHELARD, Gaston. **A água e os sonhos.** São Paulo: Martins Fontes, 2013.
- BAITELLO JUNIOR, Norval. **A era da iconofagia: reflexões sobre imagem, comunicação, mídia e cultura.** São Paulo: Paulus, 2014.
- _____. **O animal que parou os relógios.** São Paulo: Annablume, 1997.
- BRAGA, Claudia. **Melodrama: aspectos gerais do gênero matriz da telenovela.** In: XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2005, Rio de Janeiro.
- BRANDÃO, Junito de Souza. **Mitologia grega: volume 1.** Petrópolis: Vozes, 1986.
- CONTRERA, Malena Segura. **Mediosfera: meios, imaginário e desencantamento do mundo.** Porto Alegre: Imaginalis, 2017.
- CYRULNIK, Boris. **Do sexto sentido: O homem e o encantamento do mundo.** Lisboa: Instituto Piaget, 1999.

- DE WAAL, Frans. **A era da empatia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- DURAND, Gilbert. **As estruturas antropológicas do imaginário: introdução à arquetipologia geral**. São Paulo: Martins Fontes, 2012.
- GADELHADA, Isabela. **Netflix anuncia lançamento recorde de produções sul-coreanas em 2023**. 2023. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/entretenimento/netflix-anuncia-lancamento-recorde-de-producoes-sul-coreanas-em-2023/> . Acesso em: 20 jun. 2023.
- GARCIA, Júlia.; HSU, Ya Ya; ALBUQUERQUE, Mariana. 2021. **Ásia Pop: estudo sobre as produções audiovisuais japonesas e sul-coreanas e seus desdobramentos no contexto brasileiro**. In: Grupo de Pesquisa Comunicação, Arte e Literacia Midiática - UFJF, 2021. Disponível em: <https://www2.ufjf.br/comunicarliteracia/projetos/asia-pop-estudo-sobre-as-producoes-audiovisuais-japonesas-e-sul-coreanas-e-seus-desdobramentos-no-contexto-brasileiro/>. Acesso em: 23 jan. 2023.
- GEBAUER, Gunther; WULF, Christoph. **Mimese na cultura: Agir social, rituais e jogos, produções estéticas**. São Paulo: Annablume, 2004.
- JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. São Paulo: Editora Aleph, 2009.
- JIN, Dal Yong; YOON, Tae-Jin. **The Korean Wave: retrospect and prospect introduction**. International Journal of Communication, v. 11, p. 2241-2249, 2017.
- KWONDA, Jake. **Efeito Netflix: por que mulheres ocidentais estão indo para a Coreia do Sul em busca de amor**. 2022. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/estilo/efeito-netflix-por-que-mulheres-ocidentais-estao-indo-para-a-coreia-do-sul-em-busca-de-amor/> . Acesso em: 20 jun. 2023.
- MADUREIRA, Alessandra V. A. C.; MONTEIRO, Daniela. de S. M.; URBANO, Krystal C. L. Fãs, mediação e cultura midiática – dramas asiáticos no Brasil. In: **I Jornada Internacional Geminis**, 2014, São Carlos. Disponível em: <https://docplayer.com.br/29508403-Fas-mediacao-e-cultura-midiatica-dramasasiaticos-no-brasil-1.html>. Acesso em: 22 jan 2023.
- MARCONDES FILHO, Ciro. **Dicionário da comunicação**. São Paulo: Paulus, 2009.
- MAZUR, Daniela. A indústria televisiva sul-coreana no contexto global. **Ação Midiática**, Curitiba, n. 22, p. 172-191, jul./dez. 2021. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/acaomidiatica/article/view/73021>. Acesso em: 14 jul. 2024.
- MORIN, Edgar. **O cinema ou o homem imaginário: ensaio de antropologia sociológica**. São Paulo: É Realizações Editora, 2014.
- _____. **Cultura de massas no século XX: o espírito do tempo 1 - Neurose**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

MOURA, Rayane. **1ª série coreana gravada no Brasil tem Pyong Lee confirmado no elenco**. 2022. Disponível em: <https://gizmodo.uol.com.br/1a-serie-coreana-gravada-no-brasil-tem-pyong-lee-confirmado-no-elenco/> . Acesso em: 20 jun. 2023.

MUNGIOLI, Maria Cristina Palma; LEMOS, Ligia Prezia; PENNER, Tomaz Affonso. K-dramas originais Netflix no catálogo brasileiro: melodrama e literacia midiática. **Rumores**, São Paulo, v. 17, n. 34, p. 55-76, jul./dez., 2023. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/Rumores/article/view/215298> . Acesso em 22 ago. 2023.

POUSANDO no amor. Direção: Kim Hui-won e Jung Hyo Lee. Produtora: Studio Dragon. Coreia do Sul, 2019-2020.

QUEIROGA, Louise. **Confira 20 K-dramas mais assistidos no Brasil em 2021**. 2022. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/cultura/confira-20-dramas-mais-assistidos-no-brasil-em-2021-25373421> . Acesso em: 12 jul. 2023.

RYALL, Julian. **Por que a Netflix investirá bilhões na Coreia do Sul?**. 2023. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/por-que-a-netflix-investir%C3%A1-bilh%C3%B5es-na-coreia-do-sul/a-65493865> . Acesso em: 20 jun. 2023.

SANCHEZ, Leonardo.; STRAZZA, Pedro. **Como a decisão da Netflix de divulgar dados de audiência pode mudar o streaming**. 2023. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2023/12/como-a-decisao-da-netflix-de-divulgar-dados-de-audiencia-pode-mudar-o-streaming.shtml> . Acesso em: 16 dez. 2023.

STEIN, Edith. **Sobre el problema de la empatía**. Madrid: Editorial Trotta, 2004.

URBANO, Krystal C. L. Produções televisivas japonesas e sul-coreanas na Netflix Brasil: apontamentos iniciais. **Comunicação, Mídia e Consumo**, São Paulo, v. 17, n. 50, p. 561-578, set./dez., 2020. Disponível em: <https://revistacmc.espm.br/revistacmc/article/view/2164/pdf> . Acesso em: 23 jan 2023.

WUNENBURGER, Jean-Jacques. **Gaston Bachelard, poétique des images**. Paris: Mimesis, 2012.

-
- [1] Em maio de 2023, a Netflix anunciou que investirá US\$ 2,5 bilhões na produção de conteúdo na Coreia do Sul até 2027 (RYALL, 2023). No mesmo ano, a empresa divulgou o lançamento de 34 novas produções (GADELHADA, 2023). Conforme o site Jovem Nerd, pesquisa realizada em 2020 pelo Ministério da Cultura, Esportes e Turismo da Coreia do Sul revela que o Brasil foi o terceiro maior consumidor de audiovisual sul-coreano naquele ano, ficando atrás da Malásia e Tailândia (ALMEIDA, 2023). A Netflix, porém, somente aceitou informar seus índices de audiência em dezembro de 2023 (SANCHEZ; STRAZZA, 2023), portanto a audiência de K-dramas ainda não é conhecida. Em 2022, a HBO Max produziu a primeira série coreana no Brasil, *Além do Guarda-Roupa* (MOURA, 2022). Já a pesquisadora Min Joo Lee verificou um fluxo de mulheres norte-americanas e europeias em direção à Coreia do Sul interessadas em encontrar seu par romântico no país asiático (KWONDA, 2022).
- [2] Em 2022, as plataformas de streaming Viki e Kocowa, dedicadas a dramas de TV sul-coreanos, divulgaram suas listas de dez séries mais assistidas no ano anterior (20 no total, portanto). Conforme notícia publicada pelo jornal O Globo (QUEIROGA, 2022), 12 títulos eram evidentemente do gênero romance.
- [3] A *coincidentia oppositorum* (WUNENBURGER, 2012, p. 51 e 52) é uma coincidência de opostos que não se excluem nem se anulam, mas que se complementam sem estabelecer necessariamente uma relação de causa e efeito. A conciliação dos contrários, bem como a dualidade simbólica, são elementos importantes nos Estudos do Imaginário.
- [4] Ver a página 12 deste artigo.